

Redes comunitárias para garantir a saúde

A idéia era não apenas tornar a cidade mais saudável, a partir da participação e da vontade da própria comunidade, como colocar o termo Saúde na agenda dos órgãos públicos e privados locais. O projeto, denominado Rede de Cidades Sadias (Healthy Cities Network) foi lançado pela Organização Mundial de Saúde-OMS em 1987 e compreendia, de início, 11 cidades européias.

Quatro anos depois, a rede já inclui 30 municípios, não apenas europeus, como de países como os Estados Unidos e Austrália, e originou redes similares em nível nacional na maioria dos países europeus, com a participação de 400 cidades.

A participação na rede pressupõe a assinatura de um contrato do município com a OMS. "A saúde deve estar incluída na habitação, escola, trabalho e administração da cidade", explica Agis Tsouros, coordenador do projeto no Escritório Regional da OMS na Europa, com sede em Copenhague, Dinamarca.

O compromisso inclui a criação, com autorização do prefeito e da Câmara Municipal, através de uma publicação oficial, de um comitê encarregado de assegurar que o aspecto saúde seja sempre a prioridade em qualquer atividade do município.

A abrangência do conceito inclui desde a promoção de campanhas de saúde antifumo até a participação nos estudos de impacto ambiental dos projetos de novas construções. Em Pádua, na Itália, o comitê intermediou a construção de uma rede de pistas para bicicleta por toda a cidade. Em Sófia, Bulgária, teve participação na criação da lei que determinou a substituição dos bondes a diesel que circulavam pela cidade.

Em Jerusalém, o comitê tem uma coluna semanal num jornal

e promove dias ecológicos nas áreas industriais. Em Viena, o projeto mantém escritórios que orientam gratuitamente a população no que diz respeito à arquitetura e construção. Na Espanha, o comitê de Barcelona tem participação direta na organização dos Jogos Olímpicos.

O comitê da cidade dinamarquesa de Hornes, uma das primeiras a fazer parte do projeto desde 1987, está na fase final de construção de um novo bairro para 900 famílias, inteiramente projetado com a participação dos futuros moradores e levando em conta formas alternativas e econômicas de construção e energia, com ênfase na preservação do ambiente.

Fica a cargo de cada cidade determinar a composição de seu comitê e a origem de seus recursos, sejam públicos ou privados. Em Rennes, cidade de 200 mil habitantes situada na região oeste da França, o comitê convidou para participar de seus quadros todos os organismos independentes e comunitários da cidade, das organizações de mulheres a grupos de prevenção da Aids. Além de promover campanhas contra fumo, barulho, poluição, o comitê de Rennes fiscaliza projetos de construção no que diz respeito à poluição sonora e facilidades aos deficientes físicos.

O diretor do comitê de Hornes, Knud Matzon, concorda que as prioridades das cidades européias, as condições e as mentalidades não podem ser comparadas com as das cidades dos países em desenvolvimento. Por exemplo, as necessidades dos 55 mil habitantes de sua cidade não podem ser comparadas com as dos 8 milhões de São Paulo. "Mas isso não deve impedir a participação destas cidades dos países em desenvolvimento na rede.", acredita ele.

L.K.